

## **CATOLICISMO POPULAR E REZADEIRAS: ENCONTROS ENTRE FÉ E CULTURA.**

Andrea Carla Rodrigues Theotonio<sup>1</sup>

A religião é uma experiência universal onde homens e mulheres tentam compreender o mistério que envolve a humanidade e suas relações com o sagrado. A experiência de proximidade e adoração com aquilo que se considera revestido de um caráter sagrado desdobrou-se em práticas religiosas diversas e em instituições religiosas que marcam a história da humanidade.

No contexto de nossa pesquisa o universo religioso é o católico no qual estão inseridas as mulheres rezadeiras e a maioria daqueles que as procuram e compartilham das práticas de reza. Assim, apresentamos aqui um breve olhar sobre a presença da Igreja Católica no Brasil e suas relações com as mulheres; o objetivo é perceber a afirmação das rezadeiras como fiéis católicas, como são vistas pelas lideranças dos grupos católicos a que pertencem.

A Igreja Católica esteve presente desde os primeiros anos da colonização portuguesa no Brasil. Mesmo no período pré-colonial alguns franciscanos acompanhavam as tripulações dos barcos e ensaiavam um contato com o nativo, mas ainda não havia fixação de religiosos ou implantação de um projeto missionário enquanto Igreja oficialmente estabelecida. A partir da implantação de uma colonização sistemática por parte dos portugueses, em nosso território, uma rede de interferências mútuas foi estabelecida entre a história do Brasil e a própria organização e crescimento da Igreja Católica no país. Assim, na maioria das etapas dessa presença, a catequese foi um instrumento privilegiado da colonização.

Na organização da Igreja era fundamental manter os fiéis sempre assíduos em relação às celebrações e ao cumprimento de deveres e mandamentos. Havia um privilégio para as mulheres brancas que eram tomadas como propagadoras da fé em seus lares. O catolicismo era apresentado como um fator de inclusão e civilidade frente à “ignorância” de mestiços e escravos negros. Esses últimos, em um primeiro momento, completamente excluídos desse interesse de arregimentar fiéis para a Igreja.

---

<sup>1</sup> Aluna do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande.

Não houve evangelização e catequese dos negros escravos, a não ser como exceção, salvo na região das Minas onde as Irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, de Santa Efigênia e de São Benedito, com suas Igrejas e cemitérios, abriram um pequeno espaço próprio do negro africano dentro do sistema religioso. No restante, o sistema é apenas excludente, inclusive fisicamente. O escravo fica fora da Igreja e ‘espia’ a missa.<sup>2</sup>

No período monárquico a Igreja esteve intimamente ligada ao Estado, através do padroado, uma das características desse período. Não há ligações com a Igreja de Roma, essa relação só foi estabelecida na segunda metade do século XIX com o Concílio Vaticano I e a separação entre Igreja e Estado. Esse choque repercutiu a partir da obrigatoriedade dos registros de nascimento e casamento civis que tiram da Igreja o controle sobre a oficialização de nascimentos, casamentos e até das mortes, quando os cemitérios começam a surgir fora dos domínios da Igreja.

A fase republicana estruturou-se na quebra de monopólios: a chegada de imigrantes trouxe um grande número de fiéis de outras orientações religiosas. Percebemos também a ruptura na hegemonia das ordens religiosas masculinas, até então responsáveis pela catequese e pelos trabalhos missionários.

Pela primeira vez as mulheres agrupadas em mais de cem congregações femininas vindas da Europa passam a desempenhar um papel ativo e importante na vida da Igreja. No campo dos leigos, as irmandades são substituídas por associações piedosas, de cunho estritamente devocional e sob controle dos párocos. As mais importantes são as Congregações Marianas, Filhas de Maria e o Apostolado da Oração. Os homens desertam da Igreja, que se torna comunidade de mulheres, crianças e velhos.<sup>3</sup>

Aos poucos as mulheres foram se tornando maioria na assembléia dos católicos e sobre elas foi sendo “naturalizado” um discurso da Igreja enquanto instituição; para esse fim a Igreja Católica apóia-se na Bíblia, livro sagrado para orientação dos cristãos. A Bíblia concebe a mulher, desde as origens, como mãe e esposa. Eva representa a vida, isto é, a mãe de todos os seres. Seu destino na criação é ser auxiliar no homem, que a toma como companhia e cria uma unidade na vida sexual e familiar. Desta maneira apresenta-se uma concepção da mulher como um “ser para” o marido, como auxiliar, coadjuvante e como mãe dos filhos. Essa concepção continua ao longo da história bíblica, chegando até o Novo Testamento, onde Maria apresentada como mãe por

---

<sup>2</sup> BEOZZO, Oscar. História da Igreja Católica no Brasil. Rio de Janeiro: Tempo e Presença, 1979. p. 55

<sup>3</sup> DUSSEL, Enrique. História da Igreja: Presença na América Latina e no Brasil. Porto Alegre: CCJ, 1995. p. 58.

excelência torna-se modelo ideal para todas as mulheres. Na figura de Maria, as mulheres aparecem como servidoras de Cristo e dos apóstolos que estão a serviço da vontade divina.

Em relação à valorização da figura feminina a Igreja menciona uma igualdade entre homens e mulheres, embora esse discurso não corresponda a sua prática cotidiana, pois os espaços ocupados por ambos são diferentes.

Segundo as palavras do Papa João Paulo II, na sua última encíclica sobre a Dignidade da Mulher, há uma preocupação em afirmar a igualdade entre homens e mulheres.

A mulher e o homem são criados á imagem e semelhança de Deus, ambos são em igual medida susceptíveis de receber a dádiva da verdade divina e do amor no Espírito Santo. Um e outro acolhem as suas visitas salvíficas e santificantes. O fato de ser homem ou mulher não comporta aqui nenhuma limitação, pois todos vós sois um só em Cristo Jesus.<sup>4</sup>

O discurso da Igreja oficial não corresponde á vivência cotidiana desta mesma Igreja. Na América Latina, a presença da mulher no serviço devocional é maioria absoluta, mas o exercício deste serviço, efetivamente, representa para ela um status de ministério secundário, subordinado. A mulher funciona como reprodutora de uma série de postulados definidos pela cúpula da Igreja exclusivamente masculina. Na prática, os homens pensam a doutrina, decidem como deve ser propagada e a mulher realiza este trabalho de difusão da fé católica e de estabilidade das práticas cotidianas dentro da Igreja.

A Igreja Católica no Brasil, através da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) elabora todos os anos uma campanha com o intuito de chamar a atenção de seus fiéis para problemas do mundo laico e orientar os cristãos frente a esses desafios. Intitulada de Campanha da Fraternidade (CF). Para melhor orientação dos fiéis é distribuído um documento-base elaborado pela CNBB, em 1990 o tema proposto foi: “Fraternidade e Mulher” cujo lema era “Mulher e Homem: Imagem de Deus”. Os objetivos dessa campanha eram “ajudar a ver como, na realidade, a mulher não é reconhecida e tratada como igual ao homem e focar a vocação inicial da mulher e do homem como construtores de uma nova sociedade”<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Encíclica Doutrina Fidei: Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre a colaboração do Homem e da Mulher na Igreja e no mundo, de 31 de maio de 2004, disponível em: <http://www.exsurge.com.br/enciclicas/textos%20enciclicas/doctrinafidei.htm>

<sup>5</sup> Texto base da Campanha da Fraternidade: Mulher e Homem – Imagens de Deus. CNBB, 1990. p. 2.

Ao longo deste documento a mulher vai sendo valorizada pela Igreja na medida em que é posta em igualdade com o homem para construção do ideal de evangelização, ou que é vista como colaboradora na organização de comunidades eclesiais. Uma convocação é para que a mulher procure um modelo novo de sociedade e de Igreja, baseado na igualdade, justiça e fraternidade. No entanto, o próprio documento é contraditório principalmente quando essa construção toma contornos práticos na luta cotidiana das mulheres pelo reconhecimento de seus direitos e efetivação de políticas públicas que os contemplem. É bastante clara, por exemplo, a crítica ao movimento feminista, conforme percebemos neste trecho intitulado “Inversão de Papéis”<sup>6</sup>

No processo de reivindicação dos seus direitos, as mulheres têm cometido certos erros. Às vezes invertem os papéis. Encontram no homem seu inimigo ou buscam submeter o homem procurando ter o poder em suas mãos. Assumem, às vezes, posições de poder a partir da ótica e da ideologia masculinizantes. Menosprezam certas características femininas como a beleza e a maternidade. Em tudo isso não há processo de libertação ou humanização. Em outros casos, a mulher tem deixado para trás seus companheiros do outro sexo. Isso traz conseqüências lamentáveis.

Como é possível que o mesmo discurso que prega justiça e igualdade negue a reivindicação de direitos femininos? É interessante ressaltar que a Igreja delimita papéis específicos de homem e de mulher, isso não está restrito as especificidades físicas de parir e amamentar exclusivas da mulher. Para a mulher são imprescindíveis qualidades praticamente impostas por um modelo único ela deve ser meiga, acolhedora e defensora da mentalidade monogâmica cristã. Além da afirmação de uma imagem da mulher que luta pelos seus direitos como masculinizada que despreza até “os cuidados com a beleza”. Assim a Igreja constrói um discurso contraditório ao seu próprio apelo de edificação de uma sociedade justa com a ausência de uma efetiva valorização das mulheres.

A Igreja Católica também é responsável pela propagação de um discurso que separa de forma dicotômica espaços para a mulher e para o homem, na medida em que, defende modelos que devem ser seguidos pelas mulheres e condena o que ela conceitua como “inversão de papéis”, principalmente, quando as mulheres se posicionam contra a dominação masculina.

---

<sup>6</sup> CNBB, Op. cit. p. 6.

A maioria da assembléia católica é composta por mulheres que assumem tarefas fundamentais na catequese e na conquista de novos fiéis. A Igreja reconhece esse fato, mas não possui um projeto específico para inclusão e efetiva valorização das mulheres em seu interior.

Em relação às mulheres rezadeiras a Igreja classifica-as como exemplos de religiosidade popular inserida no universo católico e submisso a autoridade dos padres. Segundo o padre Germano Silva, que exerceu a função de reitor do Seminário Santa Teresinha, localizado no município de Areia-PB:

As mulheres rezadeiras são pessoas simples que expressam sua fé, assim a reza passa pela dimensão do exercício da religiosidade popular. Elas têm uma relação com a Igreja, pois estão em comunhão com o padre assim não pode haver uma separação com a Igreja Católica.<sup>7</sup>

Desse modo, a Igreja não reconhece o papel de liderança das mulheres, nem a respeitabilidade que estas possuem, ao serem reconhecidas pela comunidade, como portadoras de um saber específico e benéfico. A perspectiva da Igreja é de submeter à influência das rezadeiras ao fato de serem católicas e participarem das atividades e de grupos tradicionalmente católicos. Assim, de acordo com o discurso da Igreja, separadas dela, as rezadeiras não teriam o reconhecimento da comunidade.

Para a Igreja a única proibição imposta às mulheres é o exercício do sacerdócio que é estabelecido como exclusivamente masculino. Outros setores da Igreja estariam “abertos” a presença feminina, mas na realidade as decisões e os cargos de maior importância são ocupados por homens, mesmo sendo espaços ocupados por leigos.

A respeito dessa realidade de maioria masculina em espaços onde são tomadas decisões como conselhos ou coordenações, o padre Germano Silva (2006) afirma:

A hierarquia está reconhecendo o trabalho das mulheres, pois elas estão à frente de tudo. Hoje não é mais como antes, quando a hierarquia tinha uma cultura machista e possuía certa antipatia pela questão feminina. Mas ainda não se chegou a um ideal porque a transformação da sociedade é uma transformação lenta.<sup>8</sup>

A responsabilidade pela mudança acaba sendo transferida para a sociedade, como se a Igreja não tivesse consciência de seu papel de colaboradora para a valorização da mulher em seus quadros e também fora deles. Transfere-se também o

---

<sup>7</sup> Trecho de entrevista realizada com o Padre Germano Silva, no dia 15 de maio de 2008.

<sup>8</sup> Trecho de entrevista realizada com Padre Germano, já citada anteriormente.

papel de gestar as transformações para os outros, como se a Igreja estivesse fora do mundo, alheia a mudanças que acontecem cotidianamente de seus fiéis, sejam eles homens ou mulheres. .

Apesar de reconhecer que as mulheres estão “à frente de tudo” na Igreja, isto é são elas que lideram a grande maioria dos grupos católicos, assume o papel de catequistas e são mais assíduas nas celebrações, elas não participam das decisões dentro dessa mesma Igreja. A presença das rezadeiras na comunidade católica é resumida como sendo expressão do catolicismo popular.

Vários estudiosos se dedicam a estudar o catolicismo ampliando cada vez mais os enfoques na busca de explicações para as complexas relações que se estabelecem no seio desse conjunto de religiosidades. Assim o termo catolicismo popular vem sendo construído e questionado ao longo do tempo nas pesquisas que se detêm a perceber os indivíduos, seus costumes e valores que permeiam sua vivência no universo católico.

A maioria desses estudiosos se propõe a delimitar uma tipologia para o catolicismo, ou seja, agrupar e caracterizar em espaços distintos os vários “modelos” de católicos. Em artigo intitulado “O catolicismo popular no Brasil: notas sobre um campo de estudos” Solange Ramos de Andrade articula uma trajetória das várias definições de catolicismo popular já vinculadas na academia agrupando-os em tendências: a sociológica, a antropológica e a teológica.

Cada uma dessas abordagens explica a partir de chaves conceituais, específicas a sua área, a constituição do catolicismo popular. No campo da sociologia a definição de tipologias segue os moldes propostos por Thales de Azevedo e Maria Isaura Pereira de Queiroz, que centram o foco de atenção nos grupos sociais que praticam determinado tipo de catolicismo.

Para Thales de Azevedo os católicos são divididos em quatro grupos:

Os católicos formais, ou seja, aqueles que praticam o catolicismo; os católicos tradicionais: aqueles que se dizem católicos, mas não praticam nem conhecem o essencial do catolicismo oficial; os católicos culturais; aceitam elementos do catolicismo não pelo seu valor religioso, mas como parte da cultura em vigor e, finalmente, os católicos populares, vinculados às comunidades das zonas rurais tradicionais despojado de conteúdo dogmático e moral.<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> ANDRADE, Solange Ramos. O catolicismo popular no Brasil: notas sobre um campo de estudos. Revista Espaço Acadêmico. Nº 67. Dezembro/2006.

Dentre as várias contribuições de Maria Isaura Pereira de Queiroz o conceito de “catolicismo rústico” influenciará vários outros estudiosos do campo, e pode ser definido com um catolicismo próprio de comunidades rurais marcadas por um forte senso comunitário, onde a devoção ao santo padroeiro local seria o centro da comunidade católica. Marcam essas definições a idéia do catolicismo popular centrado em práticas religiosas privadas, ligando o indivíduo ao seu santo de devoção, tanto dos reconhecidos pela Igreja Católica como os não-canônicos.

Na abordagem antropológica os estudos de Carlos Rodrigues Brandão são indispensáveis para se pensar o catolicismo do ponto de vista da cultura com um enfoque diferente dos folcloristas que nesse universo pontuavam as superstições e o exótico. Uma tendência desses estudos antropológicos era de classificar as práticas religiosas a partir de um pertencimento a religião oficial a qual contrastava uma religião popular e de como alguns desses elementos coexistiam no catolicismo popular.

Para os teólogos a preocupação em estudar o catolicismo popular era justificada pois o entendimento dessa realidade dentro da Igreja subsidiaria o planejamento de ações pastorais e de mecanismos de acompanhamento e controle de práticas associadas aos “populares”. Comblim define-o como o conjunto de atos devocionais onde os santos fornecem “favores” para compensar as condições materiais precárias dos fiéis. “É a religiosidade das promessas e dos atos devocionais. Esse tipo de religiosidade está muito ligado com uma sociedade arcaica, rural e não industrial: deverá desaparecer na medida em que vier o desenvolvimento.”<sup>10</sup>

Não é nosso objetivo problematizar as dimensões onde esse desenvolvimento ocorreu nas zonas rurais do país, o certo é que as práticas religiosas associadas ao catolicismo popular, como por exemplo, a devoção aos santos e as promessas estão sendo vivenciadas hoje. É válido salientar que essa vivência não é uma simples reprodução de práticas tradicionais, pois, em cada ocasião assumem novos sentidos, novos significados são agregados, novos pedidos são realizados e a crença nessa prática é consolidada pela confirmação da comunidade de quão eficaz ela permanece.

---

<sup>10</sup> COMBLIM, José. Temas Doutrinários com vistas à Conferência de Puebla. Revista Eclesiástica Brasileira. Vol. 38. 1978.

## **FONTES E REFERÊNCIAS**

### **Entrevistas realizadas:**

- a) Padre Aduino Tavares - Pároco da Paróquia Nossa Senhora da Conceição - Areia - PB.
- b) Padre Germano Silva, Ex-Reitor do Seminário Santa Teresinha - Areia – PB.

### **Referências Bibliográficas:**

- ALVES, Rubem. O que é religião? São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- ANDRADE, Solange Ramos. O catolicismo popular no Brasil: notas sobre um campo de estudos. Revista Espaço Acadêmico. Nº 67. Dezembro/2006.
- BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. Tradução: Yara Frateschi Vieira, 2ª. Ed., São Paulo: HUCITEC, Editora da Universidade de Brasília, 1993.
- BEOZZO, Oscar. História da Igreja Católica no Brasil. Rio de Janeiro: Tempo e Presença, 1979.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1980.
- \_\_\_\_\_. Festim dos bruxos: estudos sobre a religião no Brasil. São Paulo: Editora da Unicamp, 1987.
- BURKE, Peter. A cultura popular na Idade Moderna: Europa, 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CHALHOUB, Sidney. (org). Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de História Social. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações. Tradução: Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- DEL PRIORI, Mary. História das Mulheres no Brasil. 2ª Edição. São Paulo: Contexto, 1987.
- DUSSEL, Enrique. História da Igreja: Presença na América Latina e no Brasil. Porto Alegre: CCJ, 1995.

- FIGLIARO, Stefano e GOFFI Tullo. Dicionário de Espiritualidade. São Paulo: Paulus, 1993.
- GOMES, Núbia Pereira de Magalhães e PEREIRA, Edmilsom de Almeida. Assim se benze em Minas Gerais: um estudo sobre a cura através da palavra. Belo horizonte: Mazza Edições, 2004.
- GONÇALVES, Eliane. Pensando o Gênero. Goiânia: UCG, 1998.
- JOUTARD, Philippe. História Oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta. Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. História Novos Problemas. Tradução de Theo Santiago. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
- OLIVEIRA, Elda Rizzo de. Doença, cura e benzedura: um estudo sobre o ofício da benzedeira em Campinas. Campinas: 1983. (dissertação de Mestrado pela Universidade Estadual de Campinas)
- \_\_\_\_\_. O que é Benzeção? São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- \_\_\_\_\_. O que é Medicina Popular? São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Projeto História. São Paulo: EDUSC, nº 14, 1997.
- QUINTANA, Alberto M. A ciência da Benzedura: mau olhar, simpatia e uma pitada de psicanálise. São Paulo: EDUSC, 1999.
- SGARBOSA, Mario e GIOVANNINI, Luigi. Um Santo para cada dia. São Paulo: Ed. Paulinas, 1983.
- SOUZA, Laura de Melo e. Deus e o Diabo na Terra de Santa Cruz. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- VAINFAS, Ronaldo. Confissões da Bahia: Santo Ofício da Inquisição de Lisboa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.